

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Estamos em Porto Novo, dia 25 de setembro de 1995, na casa do senhor Francis d'Almeida, engenheiro agrícola aposentado, é isso. Senhor Francis, a família d'Almeida, a gente conhece a origem e era Joaquim d'Almeida que chegou à Aguê. Mas me parece que tem outros ramos da família d'Almeida. É isso mesmo?

FRANCIS D'ALMEIDA - Sim é bem isso, nossa família, o fundador da família nós chamávamos Olufadé, porque entre nós, por exemplo, na nossa família, nós dizemos, tem até um livro sobre isso, dizemos Olufadé, dito Antonio d'Almeida. Porque isso tem uma história, porque aparentemente parece que, euh, o Almeida na casa de quem viveu nosso antepassado era Manuel d'Almeida. Acho que era um oficial da marinha.

MG - Estabelecido onde?

FA - Estabelecido na Bahia. Euh! Na história que se conta, diz que nosso ancestral, nosso antepassado Olufadé era um príncipe Iorubá, o filho do rei de Oyó<sup>1</sup>, que um dia recebeu a visita do filho do rei de Portugal, que passeava um pouco na costa. E o rei de Oyó parou o jovem e disse: “- Mas você é jovem, como explicar que você, jovem, passeie desse jeito?”. Ele disse: “Sim”. O filho do rei do Portugal lhe disse: “- Se o senhor soubesse, nós, em nossa educação, nossos pais nos fazem viajar, nos fazem ver o país, para nos educar. Sendo assim, se passei aqui para conhecê-lo, foi no quadro da minha formação”. Parece que o rei de Oyó disse: “- Bom, se é assim, eu te confio meu filho, assim são dois príncipes, dois filhos de rei, você vai lhe ensinar, lhe dizer como se faz a educação”. E é assim que meu antepassado, que é Olufadé, pegou o barco do príncipe de Portugal, eles partiram juntos ao Portugal. Agora, como é possível que o fundador de nossa família se encontre no Brasil, isso tenho dificuldades em explicar ao senhor. Porque, normalmente, e depois ele se encontra em Portugal, é difícil, tem coisas escritas sobre isso. Mas nós mesmos nos perguntamos, nós nos dizemos, o senhor sabe, as pessoas, os ocidentais, será que o príncipe de Portugal não cedeu a um desses aristocratas que estavam lá, talvez, mais ou menos de forma discreta no negócio, não o mais ou menos venderam sem que ele percebesse que ele tinha sido vendido? Como ele não estava acorrentado ou coisa assim, ou maltratado como os outros, ele não percebeu. Mas o fato é que ele se encontrou no Brasil, onde ele trabalhava com os outros. Aparentemente parece que o Manuel d'Almeida onde ele trabalhava, tinham muitos que eram originários dessa região aí. Porque ele entendia tudo o que eles diziam, eles falavam iorubá e ele entendia tudo o que as pessoas diziam.

---

<sup>1</sup> A antiga cidade-Estado de Oyó foi, ao lado da capital religiosa Ifé, a capital política dos Iorubás, todos submetidos ao rei de Oyó. Segundo a tradição oral, um dos soberanos de Oyó foi Songo (Xangô). Fundada entre 1388 e 1431 no interior da atual Nigéria, no auge de seu poder, Oyó foi a maior e mais avançada civilização da África Ocidental. O etnônimo Iorubá originalmente designava apenas o povo de Oyó, mas hoje ele designa vários subgrupos populacionais, que vivem na Nigéria, no Benim e no Togo.

MG - E era em que época, mais ou menos?

FA - Oh, por volta de 1800. Porque, euh, parece que se o chamavam de Olufadé dito Antonio d'Almeida, é porque, no momento em que eles começaram as revoltas dos escravos, eles deviam se revoltar para matar os patrões e tudo isso, ele ficou sabendo, como ele compreendia tudo o que as pessoas diziam, ele disse aos patrões dele, não patrão, porque ele considerava como mestres, para o contra mestre dos trabalhadores, ele disse a ele: “- Atenção vai acontecer isso, vai ter aquilo, é preciso ficar atento”. Os mestres disseram a ele: “Nós te damos a empresa, te deixamos a plantação, você se ocupa delas e nós partimos”. E isso é conhecido, que durante a revolta que houve lá, onde os escravos se rebelaram para matar seus patrões, eles se emanciparam e tudo isso. Eles partiram e meu antepassado, o fundador da família, que dirigiu toda a exploração e tudo, e quando eles voltaram algum tempo depois, agora que a revolta tinha passado e que tudo estava calmo no país, nosso fundador devolveu tudo para eles: “- Vocês partiram, vejam o que fizemos, vejam o que fizemos”. Ele devolveu para eles as contas. E tudo estava justo e eles estavam surpresos de ver que ele pode gerenciar isso tudo sozinho, corretamente, como os patrões o faziam quando estavam lá. É assim que o Manuel, que era seu mestre, lhe disse que: “- Bom, mas a partir de hoje você não é mais um serviçal, eu te considero como um filho. Então você vai se chamar Antônio d'Almeida”. É um pouco isso o que eu conheço de nossa história.

MG - E depois ele voltou para cá?

FA - Ele voltou aqui, mas já lá ele se casou. Ele teve Pauline, que é sua filha mais velha, e Bernardino, o menino, que era seu segundo filho.

MG - Ele se casou com uma iorubá?

FA - Eu não sei se era uma Iorubá ou se era uma brasileira de lá, enfim, o fato é que ele se casou lá. Foi com alguém do país ou com uma escrava da empresa, isso eu não posso precisar. Mas eu sei que ele tinha dois filhos, Pauline, a mais velha, e Bernardino, o menino. Voltando aqui, desde que as coisas mudaram, ele estimou que devia voltar para cá, ele deixou a filha na Bahia e veio para cá com o menino.

Bernardino continuou a fazer o comércio com ele, ele ia ao Brasil e voltava, ele ia tocar as mercadorias e voltava aqui, ele fazia muito comércio de escravos, mas de produtos [também]. Então, Bernardino ia buscar as coisas, os produtos, o rum e tudo isso, e vendia aqui. Então, Bernardino assegurava a ligação entre o Brasil e aqui.

MG - Onde ele se estabeleceu quando ficou?

FA - Primeiro ele ficou em Aguê, depois em Uidá. Então, atualmente nosso ramo familiar está em Uidá, em Agorsa, no bairro chamado Agorsa, em Uidá.

MG - E Bernardino, ele se casou aqui?

FA - Ah, Bernardino, ele se casou aqui, teve várias mulheres, ele tinha muitos filhos. Eu acho que quando nós contamos, contamos mais ou menos dezoito meninas e sete ou oito meninos, que ele teve quando ele voltou aqui. Primeiro, Olufadé, ele próprio, o fundador da família, dito Antônio d'Almeida, foi ele que teve os dezoito filhos. Eu não sei se encontro o documento, eu vou mostrar para o senhor ler, a parte. E ele, quando ele voltou de lá, enquanto que lá ele tinha outra mulher, no Brasil, que lhe deu Pauline e Bernardino. Quando ele voltou aqui, ele teve muitos filhos, mais ou menos 25 a 26, como eu dizia ao senhor. Bom, Bernardino, parece que ele se casou aqui, ele teve muitos filhos e ???<sup>2</sup> [?]<sup>3</sup>, ele teve muitos filhos.

MG - E bom, Bernardino, ele é o que, em relação ao senhor?

FA - Ele é meu tataravô.

MG - O tataravô do senhor. Então o senhor nasceu por volta dos anos 1930 e seu pai...

FA - Ele nasceu em 1902.

MG - Ele nasceu em 1902. O avô do senhor...?

FA - Acho que ele nasceu em 1870.

MG - 70. Então Bernardino, ele veio por volta dos anos 1840.

FA - Sim, no começo dos anos 40.

MG - A grande revolta dos escravos, teve sempre revoltas dos escravos no Brasil, mas a maior foi aquele que realmente foi uma coisa importante, pelos meios, policiais, judiciários acionados, os ??<sup>4</sup>, o numero de escravos revoltados e a organização, tudo isso, foi em 1835. Então são mais ou menos as mesmas datas que o senhor falou. É interessante, quando eu cheguei, o senhor me fez ouvir um cumprimento em português, o que isso quer dizer exatamente?

FA - Eu não me lembro.

MG - O senhor estava aí discutindo com sua família, ???<sup>5</sup> e o senhor falou em português, o que o senhor disse?

FA - Eu realmente não me lembro.

MG - Era “como passou”<sup>6</sup>?

FA - Ah, não. O senhor tinha dito: “- Bom dia”<sup>7</sup>, e eu disse “Como passou”<sup>8</sup>.

---

<sup>2</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>3</sup> Aqui há uma palavra que parece ser “Cosme”, mas a caligrafia está difícil e pode ser outra palavra.

<sup>4</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Palavras escritas em português no manuscrito.

<sup>7</sup> Idem.

MG - O senhor disse: “- Bom dia. Como passou”<sup>9</sup>.

FA - Sim.

MG - É isso. Será que, evidentemente o senhor manteve algumas expressões em português. O senhor se lembra de outras?

FA - Bom, eu, eu não me lembro muito, como eu não cresci nas famílias, euh, o que eu digo aí, eu só aprendi no meu retorno ao Daomé, que é hoje o Benim, mas têm famílias onde as expressões ficaram, por exemplo, na casa da senhora Patterson, por exemplo, que nasceu Medeiros, que era neta de Francisco Chachá, ela tem mais expressões, ela conhece muito mais palavras brasileiras.

MG - ???<sup>10</sup> ela diz que elas cumprimentam assim: “Como passou?”, “Bom dia, como passou”<sup>11</sup>.

FA - Bom dia, como passou, obrigado<sup>12</sup>.

MG - O senhor disse que aprendeu essas palavras em seu retorno, então nos anos 60. O senhor voltou em 60. E o senhor aprendeu isso dos avós do senhor?

FA - Eu aprendi, sobretudo, no nível dos amigos, da família, porque, bom, quando eu voltei, meu avô já não existia mais, nem minha avó, nem meu avô. Foram os tios ou, o senhor sabe, euh, nossos tios são funcionários, então são pessoas habituadas a se exprimir em francês, e era um orgulho para eles de falar sempre em francês. E eu queria que... Até mesmo eles nos proibiam de falar em outra língua que não fosse o francês, eles nos puniam, porque era preciso possuir a língua francesa, sendo que o responsável pela colônia era francês. Nossos antepassados chegaram a falar tão bem quanto eles, a ter a linguagem deles, quê.

MG - Qual era a profissão do pai do senhor?

FA - Meu pai era do corpo judiciário, meu pai era escrivão-chefe no tribunal.

MG - E a mãe do senhor, era Nagô?

FA - Minha mãe era de origem iorubá, ela é da família Marcos.

MG - Ah, ela é da família Marcos. Então eu tenho uma coisa para perguntar ao senhor. Então, eu disse ao senhor que eu tento entender os diferentes clãs de pertencimento em Uidá. Eu sei que os afro-brasileiros, os ditos franceses ???<sup>13</sup>, eles se reúnem todos no clã

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

<sup>11</sup> Palavras escritas em português, no manuscrito.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

que eles chamam *Awame si non you yovo*<sup>14</sup>. Ou algo assim. E que, por exemplo, a família Marcos reclama ser do clã Ayato.

FA - Ah, sim, isso é a tradição do país. Porque segundo os ???<sup>15</sup> nos colocam ainda, porque essas expressões aí, Ayato, são de origem fom<sup>16</sup>. Então, segundo os louvores que eles tinham, os fundadores da família, aqueles que vieram, o que eles fizeram, eles têm louvores, louvores feitos pelos fom que estavam lá em função da capacidade, da forma, da fortuna deles, porque, é mais ou menos o que nós chamamos os “orites”<sup>17</sup>. Nos “orites” você tem os louvores. Esses louvores, devemos situar que o senhor é ???<sup>18</sup> alguém que tem dinheiro, essas coisas Ayato e o que o senhor pede lá, podemos melhor... A senhora Patterson pode explicar melhor, porque eu não penetrei a fundo nessas coisas para responder. Mas o que posso dizer...

(CORTE)

MG - Então, a família Marcos...

FA - A partir do que eu conheço de Duverger<sup>19</sup> é que a família Marcos é um pouco de origem espanhola, mais ou menos. Então, eu, realmente, eu não possuo realmente a origem verdadeira da família Marcos, tudo o que eu lembro é que é um pouco de origem espanhola e que não me parece que eles tenham vindo do Brasil.

MG - A questão é que eles não vieram do Brasil, mas eles incorporaram a mesma cultura.

FA - Sim.

MG - Que era a cultura dita brasileira.

FA - Sim. Escute, tudo o que era mais ou menos português, espanhol, era porque ???<sup>20</sup> os hábitos...

MG - Está perfeito. Bom, vamos ver a senhora Patterson, porque já são quinze [minutos] para as onze [horas].

---

<sup>14</sup> Escrito em idioma africano, no manuscrito.

<sup>15</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>16</sup> Os fom, fon ou fongbé são uma subdivisão do povo Ewe, ditos “Ewes orientais”, que habitam o Benim, onde, na fronteira com a Nigéria, se misturam aos iorubás. O povo fom foi senhor de um Estado poderoso e muito bem organizado chamado Daomé.

<sup>17</sup> “Orites”, pode ser “rites”, ritos.

<sup>18</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>19</sup> No manuscrito está escrito Duverger, mas pode referir-se ao antropólogo Pierre Verger.

<sup>20</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.